

A IMAGEM DA NOBREZA NO SALTÉRIO DE LUTTRELL

Giovanni Bruno Alves (PIBIC/CNPq/FA/UEM), Jaime Estevão dos Reis (Orientador), e-mail: jaimeestevaoreis@hotmail.com

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes / Departamento de História, PR.

Ciências Humanas - História

Palavras-chave: Imagem, Nobreza, Saltério de Luttrell.

Resumo:

Este projeto consistiu na análise da imagem da nobreza no *Saltério de Luttrell*. Trata-se de um manuscrito iluminado produzido na Inglaterra durante a primeira metade do século XIV, sob o patrocínio de Sir Geoffrey Luttrell (1276-1345). Suas miniaturas apresentam uma ampla gama de temáticas, abordando características culturais, econômicas, políticas e sociais da sociedade na qual foi produzido. Dentre elas, destacamos neste resumo expandido a presença constante da nobreza, em especial, mas não exclusivamente, na figura de Sir Geoffrey Luttrell.

Introdução

Neste texto apresentamos os resultados do desenvolvimento do projeto de iniciação científica intitulado “A imagem da nobreza no *Saltério de Luttrell*”. Para a abordagem do tema, tratamos, primeiramente, a problemática da especificidade da fonte que analisamos, o Saltério de Luttrell, um manuscrito iluminado. Para tal, abordamos os questionamentos acerca da imagem medieval a partir dos trabalhos de Jérôme Baschet (2008) e Jean-Claude Schmitt (2007).

O *Saltério de Luttrell*, feito a mando do nobre inglês, Sir Geoffrey Luttrell, poderia ter diversas funções que relacionamos, neste trabalho, tanto ao papel do nobre que se envolveu em sua confecção, quanto ao papel dos clérigos que o cercavam. Desenvolvemos, então, algumas das principais temáticas relativas à nobreza presentes no manuscrito, com base nos textos de Michael Camille (1998) e Michelle Brown (2006), relacionando com o contexto referente à cavalaria por meio do trabalho de Robert Jones (2011).

Materiais e métodos

Para o estudo da imagem medieval, enquanto uma tipologia específica, utilizamos as obras de Jérôme Baschet (2008) e Jean-Claude Schmitt (2007). A análise de Schmitt ronda a noção de *imago*, referente à concepção

de imagem do homem medieval. Em sua compreensão, a imagem era associada, no período, com o universo simbólico cristão, identificando toda a criação e o trabalho divino do Criador (Schmitt, 2007, p.13).

O artista, por sua vez, seria também o criador. As obras seriam dotadas de realidades internas e próprias, com sentido atribuído a partir do trabalho do iluminador. Conforme nota Jean-Claude Schmitt, criar uma imagem não era representar uma realidade externa à obra, sendo a ideia de imitação evitada, mas sim construir uma realidade interna, utilizando um universo simbólico característico do contexto dos sujeitos envolvidos em sua produção e de sua própria subjetividade (SCHMITT, 2007, pp.14; 27).

Assim, não negamos a possibilidade da compreensão do contexto histórico por meio de tais fontes, pois, ainda que o homem medieval visse na imagem uma *presentificação* e não uma representação, de acordo com Jean-Claude Schmitt, os homens envolvidos em sua confecção empregavam nelas símbolos provenientes de seu imaginário, de seu contexto. Eram imagens produzidas para serem utilizadas, compreendidas e interpretadas por homens de sua realidade, e, portanto, sua composição nos apresenta inúmeros indícios das sociedades nas quais eram feitas (SCHMITT, 2007, pp.27; 46).

Jérôme Baschet (2008), ao trabalhar o conceito de *imagem-objeto*, abarca estas mesmas características tratando a imagem medieval como um objeto complexo, ligado diretamente às suas funções e, portanto, às práticas sociais nas quais tomavam lugar. Primeiramente, a imagem medieval deve ser concebida enquanto inseparável de seu suporte. O texto, os materiais utilizados e todos outros elementos que acompanham a imagem compõem seus significados e sua utilização (BASCHET, 2008, pp.31; 33).

O *Saltério de Luttrell* como manuscrito iluminado possui uma composição específica. Além de conter os salmos da bíblia, apresenta imagens das mais variadas, todas iluminadas com o uso de materiais luxuosos e caros. Devemos, portanto, analisa-las juntamente com o texto que às acompanha, levando em conta os seus usos e os homens envolvidos em sua produção. Em especial, Sir Geoffrey Luttrell, o patrono desta famosa obra.

Resultados e Discussão

Sir Geoffrey Luttrell encomendou a elaboração do *Saltério* em seus últimos anos de vida, no segundo quartel do século XIV. Seu papel no projeto foi, segundo Michelle Brown (2006), muito além do simples financiamento do manuscrito. Sir Geoffrey provavelmente escolheu a dedo os artistas envolvidos e, conseqüentemente, as temáticas por eles retratadas no *Saltério*. A autora levanta, inclusive, a hipótese de que estes artistas teriam habitado, por algum tempo, nas terras Luttrell, dado grande detalhe com que são ilustradas no manuscrito (BROWN, 2006, p.36).

A questão referente às funções do *Saltério* de Luttrell está diretamente ligada ao envolvimento dos artistas e do patrono. Algumas hipóteses divergem a respeito desse tema. Ao analisar o tamanho elevado das fontes utilizadas na escrita dos salmos, Michelle Brown (2006, p.89) aponta que o

manuscrito possivelmente foi elaborado para ser lido por diversas pessoas ao mesmo tempo, provavelmente em cerimônias religiosas. O mesmo também possuiria função memorial, dadas suas temáticas. Michael Camille, por sua vez, nota que a relação entre texto e imagem no *Saltério de Luttrell* é muito complexa, e funciona, muitas vezes, por meio de analogias e jogos de palavras que só ocorrem em línguas vernáculas, enquanto que o manuscrito foi escrito em latim. Dessa forma, o autor sugere que o mesmo seria utilizado por Sir Geoffrey Luttrell e sua família como uma maneira de estudar o latim por meio da oração e leitura (CAMILLE, 1998, p.162-168).

Em ambas as hipóteses, as funções do *Saltério de Luttrell* parecem estar diretamente ligadas, assim como seu conteúdo, ao seu patrono, Sir Geoffrey Luttrell. Para analisarmos a imagem da nobreza no *Saltério de Luttrell*, não podemos, dessa forma, excluir a figura de Geoffrey. Delimitamos nossa análise em torno de três imagens presentes no manuscrito que apresentam a figura de Geoffrey direta ou indiretamente, representando três facetas da nobreza medieval inglesa.

A primeira imagem escolhida é também a mais destacada no manuscrito. Posicionada em um local previamente estabelecido, a miniatura (ff. 202v.) apresenta a figura de Sir Geoffrey Luttrell montado em seu cavalo de guerra, portando armadura e lança, e sendo auxiliado por sua esposa e sua nora. Esta imagem apresenta um cavaleiro em seu esplendor, repleta de símbolos referentes aos ideais cavalheirescos, como a heráldica e o cavalo.

Tal imagem claramente exalta a cavalaria. Este grupo, identificado com a nobreza nos séculos anteriores, estava cada vez mais recluso no século XIV. Um cavaleiro era assim definido, segundo Robert Jones (2011) de acordo com o seu papel na guerra, montado a cavalo e exercendo uma posição de comando, e seu universo cultural, rigidamente gerido por normas e deveres apresentados em romances e produções laicas no período (JONES, 2011, p.11).

A imagem apresenta, assim, Sir Geoffrey Luttrell em uma posição gloriosa, de comando, montado em seu cavalo de guerra e pronto para a batalha, conforme os deveres de um cavaleiro prescreviam. Envolto no brasão heráldico de sua casa, a sua posição elevada o coloca acima das mulheres ilustradas na cena, sendo seu dever enquanto cavaleiro protegê-las.

Sir Geoffrey Luttrell é novamente apresentado em uma margem na folio 208r. Dessa vez, a cena apresentada é mais pessoal e cotidiana. Trata-se de um banquete, em que Sir Geoffrey Luttrell, sua família e seus convidados festejam e comem. Conforme Michael Camille, Sir Geoffrey novamente ocupa uma posição central nesta imagem, repleta de simbolismos que definem sua posição enquanto o senhor dos servos ali presentes e de suas terras, por meio do alimento servido. A heráldica novamente adorna o ambiente, e aponta seu pertencimento à família Luttrell (CAMILLE, 1998, p.82).

A última imagem a ser analisada não apresenta diretamente a figura de Sir Geoffrey Luttrell, mas, a de um de seus maiores aliados: Earl Thomas de Lancaster. Em uma cena às margens do manuscrito, Lancaster é executado após a derrota de sua rebelião contra Eduardo II. Ele foi cultuado após a sua

morte de forma clandestina, e uma imagem como esta indica uma possível adesão de Sir Geoffrey Luttrell ao seu culto. Além disso, também demonstra o alinhamento político de Geoffrey, seu envolvimento nos eventos referentes ao conturbado reinado de Eduardo II e suas possíveis visões acerca de tais acontecimentos.

Conclusões

Conforme foi possível constatar a partir da análise das imagens da nobreza no *Saltério de Luttrell* e do envolvimento de seu patrono em sua produção, podemos concluir que o manuscrito expressa um contexto claramente nobiliárquico. Além do grande número de imagens referentes a essa temática, o *Saltério de Luttrell* apresenta, também, diversas características da vida do nobre, abarcando seu envolvimento político, seu cotidiano e seu universo mental. Assim, o *Saltério de Luttrell* possibilita uma ampla análise do universo da nobreza inglesa do século XIV.

Agradecimentos

Agradeço a Universidade Estadual de Maringá por proporcionar a possibilidade da iniciação na pesquisa científica. Destaco a importância da bolsa, essencial para o desenvolvimento deste projeto. Ao meu orientador, Professor Dr. Jaime Estevão dos Reis pela confiança, atenção e por ter disponibilizado a fonte para a realização dessa pesquisa.

Referências

BASCHET, Jérôme. **L'iconographie médiévale**. Gallimard, 2008.

BROWN, M. P. **The world of the Luttrell Psalter**. London: The British Library, 2006.

CAMILLE, M. **Mirror in parchment: the Luttrell psalter and the making of medieval England**. Chicago; The University of Chicago Press, 1998.

JONES, Robert. **Knight: The Warrior and the World of Chivalry**. Oxford: Osprey Publishing, 2011.

SCHIMITT, Jean-Claude. **O corpo das imagens: ensaios sobre a cultura visual na Idade Média**. Bauru: EDUSC, 2007